

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, NOVEMBRO/1998- ANO II - Nº 22

EDITORIAL

Passadas as eleições gerais de outubro, eleitos os dirigentes para o país e os estados, têm início as articulações políticas visando ao pleito do ano 2000, quando deveremos escolher nossos dirigentes municipais.

Começam a surgir nomes de pretensos candidatos a esses cargos. A maioria, de “profissionais da política”. Buscam, a qualquer preço, manter sua posição no município, mas que fora o período de campanha, ficam distantes, sem nenhum compromisso com a cidade.

Neste final de século profundas e necessárias transformações políticas têm ocorrido em todo o mundo. É hora de parar e refletir: Que Piquete queremos para o futuro? É preciso analisarmos o crescimento da cidade nas últimas décadas, se é que ocorreu.

Geraram-se empregos? Como está a situação da educação e cultura no município? E nosso meio ambiente: água, esgoto, reservas florestais? Existem políticas públicas voltadas para o esporte e o lazer? A saúde contempla com atendimento de qualidade nossa população? A quem cabe gerir tudo o que é direito dos cidadãos? A resposta imediata é: ao político. É nele que o povo deposita suas expectativas de mudança e de melhoria da qualidade de vida. Mas será que só ele?

Etimologicamente, política vem de polis, palavra grega que significa cidade. Política é o governo da cidade. Do ponto de vista ético ou dos valores, a política é o conjunto de ações pelas quais o ser humano busca uma forma de convivência entre os indivíduos. Segundo o Pe. Lebre, é “a ciência, a arte e a virtude do bem comum”.

Para que estas afirmações possam tornar-se efetivamente realidade, a Igreja Católica, através da CNBB, vem buscando conscientizar a comunidade da importância da prática da Política. Não da política partidária, mas da de participação.

Para isto, o ato político não se esgota com a eleição de prefeito e vereadores. É preciso acompanhar o desempenho destes no dia-a-dia da cidade, verificando se suas ações correspondem aos anseios da população que os elegeu. Afinal, são os políticos que fazem as leis e tomam decisões que vão interferir diretamente em nossas vidas.

É da responsabilidade da população acompanhar as atividades da Política, aferindo se o trabalho de nossos representantes corresponde às necessidades da comunidade. Somos nós que construímos a cidade e nela vivemos; por isto, cabe a todos uma revisão na maneira política de agir, buscando junto aos nossos representantes legais alternativas para a melhoria da qualidade de vida.

Quando a CNBB propõe um trabalho de formação política da comunidade, ela aponta a ação evangelizadora da Igreja nos diferentes campos onde os homens atuam. Reafirma, portanto, política enquanto um processo de busca do bem comum de que todos deverão participar. Que este processo inicie já, com mudanças que venham beneficiar a todos os piquetenses.



Operários trabalhando na construção da Capela do Hospital: década de 60

Foto arquivo Pro-Memória

Patrimônio e Preservação

“Mais do que qualquer arte, a arquitetura está ligada indissolavelmente com a vida, o caráter, o ser moral de uma nação e de uma época.” (J. A. Sismonds)

Quando se pensa em patrimônio arquitetônico, a primeira idéia que nos vem à mente é a de um prédio antigo, cujas origens, muitas vezes, desconhecemos e que um grupo de pessoas acha por bem preservar.

O conjunto arquitetônico de uma cidade ou mesmo edifícios isolados são registros na paisagem, deixados ao longo dos tempos, por gerações, que vencendo diferentes obstáculos, nos legaram, não sem muitos esforços, um pouco de sonho de progresso e um tanto de história. Temos o dever moral de preservá-los.

No entanto, a vida moderna, rápida e descartável, nos afasta de nossas referências e da nossa história, levando-nos a desprezar o antigo. É preciso que aprendamos a conviver com o novo sem preterir o passado. Para isto é imperativo que se invista em educação e cultura, inculcando nos jovens o respeito pelos nossos predecessores e pelas obras por eles edificadas.

Destruindo as bases materiais de sustentação de nossa memória – a natureza, a geografia e a história –, consequências desastrosas ocorrerão sobre a qualidade do meio ambiente e a conservação do nosso patrimônio cultural.

É indispensável que se pense muito antes de se destruir, antes de rasgar documentos, demolir prédios ou acabar com a natureza. É nosso dever, uma vez estudadas as características dos prédios antigos e as suas possibilidades de utilização, integrá-

los dentro do contexto urbano contemporâneo. A reciclagem fará com que adquiram uma nova importância e sejam integrados cada vez mais ao meio, carregados de simbologia.

Um olhar retrospectivo por nossa cidade nos mostra desrespeito, falta de interesse, de amor e civismo pelo nosso patrimônio, seja ambiental ou arquitetônico. Muitos prédios que tiveram intensa e importante utilização hoje são espectros de um passado glorioso. Urge revitalizá-los.

Consciente de que não vale a pena restaurar um monumento sem atribuir-lhe função específica, e que um dos fatores que contribui decisivamente para a preservação do patrimônio monumental é a sua efetiva utilização, a Fundação Christiano Rosa está restaurando a “Capela do Hospital da F.P.V.”, que havia muito não tinha esta função. Apesar da bela fachada, este cartão postal da cidade estava deteriorando, com telhas quebradas, infiltrações, rachaduras, que colocavam em risco as pessoas.

Sinal de evolução e civilidade, a preservação do patrimônio cultural é aferida segundo o grau de consciência de cada um de nós. Omite-se aquele que tem consciência da importância do patrimônio, mas cruza os braços e espera que o imóvel venha a tomar pela ação do tempo.

Daqui a algum tempo, com a revitalização da “Capela”, a comunidade ganhará um espaço cultural com funções inerentes aos objetivos da Fundação.

Iniciativa louvável constatamos por parte da IMBEL, que vem restaurando seus edifícios de valor histórico para Piquete. Aguardamos que outras, como esta, aconteçam em prol de nosso patrimônio.

AC

Imagem - Memória



Casa Paroquial quando de sua inauguração: foto de 1934

Construção da Casa Paroquial

Desde 1875 éramos Freguesia. Em 1888 tornamo-nos Paróquia. Entretanto só viemos a ter padre residente, no dia 1º de fevereiro de 1934, quando, por provisão de S. Excia. D. Epaminondas Nunes de Ávila e Silva, D. D. Bispo de Taubaté, foi nomeado o padre João Marcondes Guimarães, como vigário encomendado desta Freguesia. Obedecendo ao cerimonial previsto pelos cânones da Igreja, tomou posse no dia 3 de fevereiro desse mesmo ano.

Anteriormente, entre o final de outubro e início de novembro, foi organizada pelo Pe. Ascânio Brandão a Congregação Mariana. Foram 18 seus primeiros membros fundadores.

Em 1º de maio de 1934, à tarde, na praça João Pessoa, hoje Leonor Guimarães, ocorreu o lançamento e a bênção da pedra

fundamental da casa paroquial. A essa solenidade, abrilhantada pela corporação musical “Euterpe Piquetense”, assistiu grande massa de povo, estando presentes todos os membros da “Comissão pró-Casa Paroquial”. Foram convidadas várias pessoas gradas da localidade para paraninfar o ato.

Depois do lançamento da pedra fundamental, usou da palavra o 1º ten. João Fragoso Coimbra, que comentou sobre a importância da obra e concitou todos os piquetenses para a concretização do projeto. Foi muito aplaudido.

O terreno, com 12 metros de frente, com fundos até o “antigo rego d’água”, foi doado, em 30 de março de 1934, por José Ribeiro da Silva.

A Comissão pró-Casa Paroquial trabalhou intensamente, e já em 25 de dezembro de 1934, às 20h, foi inaugurada a sede da Congregação Mariana, com a presença de quase todos os congregados, além dos membros da comissão. Embora fazendo parte da Casa Paroquial, ela ficou sob a direção da Congregação Mariana e destinava-se a reuniões, festas centro de encontros diários e distrações.

Entretanto, o dinâmico padre João Guimarães foi transferido e chegou aqui, nomeado, tomando posse no dia 3 de fevereiro de 1935, o padre Oswaldo de Barros Bindão, diante de grande multidão. Após a posse do novo vigário, o Pe. João apresentou suas despedidas e agradecimentos ao povo piquetense.

Às 20h, especialmente convidado, o Pe. João Guimarães benzeu a casa paroquial e nela fez-se a entronização do Sagrado

Coração de Jesus. Achavam-se presentes o Pe. José Maria Ramos, o vigário, todos os membros da Comissão pró-Casa Paroquial, representantes da sociedade piquetense e a população da cidade. Falaram, no ato, o Ten. João Fragoso Coimbra, o Pe. Bindão, o Sr Aureliano Gomes dos Reis e o Sr José Venino Vieira, que apresentou as despedidas do povo piquetense, analtecendo as obras e trabalhos do virtuoso Pe. João Guimarães.

Este agradeceu, comovido e sensibilizado, aos abnegados membros da Comissão pró-Casa Paroquial, à generosidade do povo humilde e pródigo da paróquia. Ao final disse que a casa paroquial fora construída em menos de um ano, numa paróquia essencialmente operária, o que atestava brilhantemente o esforço da boa gente piquetense.

Padre João Guimarães, primeiro pároco de Piquete



O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 97

Diretor Geral:
José Palmyro Masiero

Jornalista Responsável:
Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:
Francisco Máximo Ferreira Neto

Redação:
Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (012) 556-1192 / 556-1207

Correspondência:
Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. R. Ramos

Tiragem: 1.000 exemplares

A redação não se responsabiliza pelos artigos assinados

GENTE DA CIDADE

Irmã Maria Izabel

Maria Izabel Rodrigues Ferreira, irmã salesiana, nasceu em Delfim Moreira – MG, em 23 de outubro de 1932. Nona filha, entre 17 irmãos, de José Rodrigues Ferreira e de Dona Adelina Rodrigues Ferreira, fazendeiros, mudou-se, no final da década de 40, para Piquete, onde seu pai comprou a fazenda São Miguel.

Fez o curso primário em sua cidade natal, continuando os estudos em Piquete.

Católica, seu interesse pela vida religiosa surgiu no contato com as irmãs salesianas, que chegaram a Piquete no início de 1949, para administrar o recém-inaugurado Hospital da Fábrica Presidente Vargas.

Sua formação teve início no Colégio Nossa Senhora do Carmo, em Guaratinguetá, com término em Araras. Noviza em 1958 e freira em 1960, os votos proferidos no Colégio Nossa Senhora das Graças, em São Paulo.

Sua vocação para trabalhar com crianças era evidente: formou-se professora primária em Campos Novos – SC, e lecionou para o 1º grau, em Uruguaiana – RS. Seu apostolado voltado para as crianças vem desde o início. Em Batatais, no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, trabalhou com menores internos da FEBEM; em Guaratinguetá, trabalhou no Colégio do Carmo.

Em 1983 veio para Piquete. Em poucos meses, a 8 de setembro do mesmo ano fundou a Casa da Criança “Pai Tino”, hoje “Casa das Meninas Laura Vicuña”, com o objetivo de educar e orientar crianças, adolescentes e mães desamparadas. Lá recebem acolhida, apoio e condições de trabalho, para assumir, com dignidade, a vida e a educação dos filhos. Um de seus lemas é baseado no espírito de família, seja ela constituída ou não por laços de sangue. O amor é que é importante. Num clima de fraternidade, os jovens se sentem amados e aprendem a amar. Essa idéia é transmitida para as crianças e adolescentes que residem na Casa “Laura Vicuña. O exemplo dessa casa é único na região, acolhendo meninas e adolescentes em situação de abandono, oferecendo-lhes abrigo, orientação e encaminhamento, através de pedidos da comunidade, do Juizado da Infância e da Juventude, e cidades vizinhas. As meninas, 12 ao todo, têm atividades de aprendizagem de



artesanato, crochê, costura, educação, recreação, cultura, formação religiosa, alimentação e deveres.

Atualmente, a “Casa Laura Vicuña” está sob a coordenação da irmã Maria Izabel. Recebe o apoio de amigos e de um grupo de senhoras da sociedade piquetense. Conta também com o trabalho de uma pedagoga, Ermelinda Gonçalves Uchôas. Irmã Izabel, em conjunto com o INDICA (Instituto para o Desenvolvimento Integral da Criança e do Adolescente) e com a ajuda da UNICEF e da CARITAS, conseguiu ampliar sua casa, para melhorar o atendimento. Sempre lutando contra as dificuldades, Irmã Izabel é um exemplo de abnegação e desprendimento para nossa cidade.

Em junho de 1998 recebeu da Câmara Municipal de Piquete o diploma de “Cidadã Honorária”, pelos trabalhos desenvolvidos em nossa cidade em prol da infância e adolescência. Sábias suas palavras: “Nossa Casa destina-se a atender o menor. É uma casa de trabalho e aí vamos aprender e ensinar o que sabemos.”

Torçamos para que seu trabalho continue, em benefício das nossas crianças e dos nossos jovens.

Irmã Maria Izabel e crianças da Casa Laura Vicuña



Foto arquivo pessoal

Eta Piquete!

No velho trem, a saudade.
Nos roteiros, a amizade.
Na Fábrica, trabalho e sucesso.
Sinais de modernidade.
Escolas profissionais
fizeram das pessoas que tais,
famosas e conhecidas
nos jogos de bola, e na vida.
Nas festas e procissões,
roupas novas, e emoções.
Nos bares e bailes, encontros,
muito agito... e desencantos.
E a bebida, pra que serve?
Nas casas, alguma penúria,
dependência acumulada,
mas pensão assegurada!
Papagaios,
pipas, pipocas, pedais.
Trabalhar muito, pra quê?
A vida é pra se viver!
Pesca, já não se tem mais,
só lá longe, nas serranias,
nos socavões escondidos
da mata quase acabada,
de extintos mananciais.
Bois de mamão eletrônicos.
Salve o barulho e o enredo.
Suor, cor, carnaval.
Salve o trio infernal!
Bebês em profusão,
de mães prematuras
e pais joviais.
Onde a ternura?
Feridas de erosão,
Deslizamentos, ruínas.
Vamos aumentar o som?
Que diabo de oficina!
Muita criança
querendo modismos,
televisão e consumismos.
Viva o povo brasileiro,
tão feliz e descuidado.
Deixe a tristeza de lado,
pois do mundo nada se leva.
Bundinhas arrebitadas,
pernas à vela, saudadas.
Barriguinhas desveladas.
No corpo, roupas coladas.
Eta ferro! Já morreu quem o dizia,
hoje é outra alegoria.
Nas ruas, alvoroço.
Na escola, o pouco esforço.
Nas rodas da madrugada
a gente é muito outra,
animando-se, desbragada,
da bem do sol, afastada.
Há quem louve o passado
e reclame do acabado.
Pés descalços,
dedo no nariz,
cabeça sempre coçada.
Êta vida (des)complicada!
No rio desconsolado
a poluição avisada.
A dor e a doença mostradas.
Podia ser diferente.
Por que falar de tristeza?
Retumbante de foguetes
É para sempre PIQUETE!

Dóli de Castro Ferreira

Efemérides Históricas

As efemérides correspondem às posições dos astros. Cada dia o céu é diferente no movimento das estrelas, dos planetas, dos satélites, dos cometas e das nebulosas. As coordenadas celestes e terrestres indicam posições e a cronologia registra o tempo.

Nas efemérides de outubro comemorou-se a data de nascimento de D. Pedro I (1798–1834). Há duzentos anos (12-10-1798) nascia aquele que foi o primeiro Imperador brasileiro, ao qual devemos a independência do país e não poucas referências ao gênio impetuoso e independente.

Quarto filho de D. João VI e Dona Carlota Joaquina, chamou-se D. Pedro de Alcântara Francisco Antônio João Carlos Xavier de Paula Miguel Rafael Joaquim José Gonzaga Pascoal Cipriano Serafim de Bragança e Bourbon.

O jovem, que viveu pouco em anos, mas muito em atitudes, algumas reais e outras atribuídas, a fama o acompanhou, através do tempo, enriquecida pelas memórias épicas e picantes.

Nem sempre os brasileiros valorizam seus vultos históricos, rapidamente esquecidos de tudo e de todos. A mídia impressa e falada contribui para esse fim. A vida banaliza-se na telinha de TV. O revisionismo da História contradiz fatos e feitos, e as figuras pontuais são indicadas mais pelos vícios do que pelas virtudes.

No caso de D. Pedro I, o “Fico” foi um primeiro ato de auto-afirmação e o grito de independência, se não foi tão glorioso, glorificou o quadro monumental de referência que impera no Salão Nobre do Museu Paulista, o do Ipiranga.

Chegara ao Brasil o príncipe, a 28 de novembro de 1807, com apenas nove anos de idade, e aos dezoito casou-se com a arquiduquesa austríaca Dona Carolina Josefa Leopoldina, filha de Francisco I, a quem os brasileiros aprenderam a amar, e o príncipe consorte, parece que nem tanto. Com ela teve sete filhos. Em segundas núpcias esposou a Imperatriz Amélia e dessa união resultou apenas uma filha. De sua ligação com a



D. Pedro I, fundador do Império do Brasil

Marquesa de Santos, Maria Domitília de Castro Canto e Melo, teve cinco filhos. Constan ainda de sua biografia mais cinco filhos naturais de diferentes mães.

Intrépido cavaleiro, mais esportista do que intelectual, soube se movimentar nas lides políticas. Aclamado por onde andava, recebido com honras, viajava bastante. Integrava-se aos ideais políticos de seu tempo simbolizados pela monarquia constitucional. Era visto como príncipe constitucional e assim chegou mesmo a reunir, em dado momento, dois grupos rivais na Maçonaria: o de Joaquim Gonçalves Ledo, de tendência republicana, e o de José Bonifácio de Andrada e Silva, monárquico conservador. Foi, rompendo com as Cortes de Lisboa, convocando a assembléia Constituinte que, gestada a independência no rio de Janeiro e partes das Minas e Vale do Paraíba, foi finalmente proclamada pelo Príncipe Regente, a 7 de Setembro de 1822.

No caminho da Independência, passando por Lorena (e Piquete portanto (1)), Guaratinguetá, Pindamonhangaba, Taubaté,

Jacareí, Mogi das Cruzes e Penha, finalmente chegou D. Pedro a São Paulo, onde sua autoridade foi plenamente acatada.

Passando por essas terras e vales, o jovem príncipe, quem sabe embevecido pela beleza da paisagem das trilhas nas matas, a cordialidade e a exaltação das pessoas, as atitudes serranas, o exotismo tropical, ele nascido no Paço de Queluz (Lisboa), depois de atravessado um oceano de águas, medos e dúvidas pelas perseguições napoleônicas, viu por bem um paraíso na terra e uma nação soberana. Valeria a Independência e, somente não plena porque, como a Metrópole, o reino atrelava-se a outro mais poderoso, o da Inglaterra.

E hoje, continuamos independentes e atrelados a outro reino e posses de riquezas.

Talvez o nosso destino estivesse traçado na efeméride do nascimento no quarto D. Quixote do príncipe, que lá mesmo morreu, o que foi Pedro I do Brasil e Pedro IV de Portugal. Lutou muitas batalhas, a última para reconquistar o trono usurpado pelo irmão D. Miguel à filha Dona Maria da Glória, em nome do qual abdicara para ser Imperador brasileiro.

Uma estátua equestre rememora, em Lisboa, o Duque de Bragança, D. Pedro IV, e os habitantes do Porto, na capela-mor da Igreja da Lapa conservam muito bem guardado o coração, enquanto os ossos voltaram ao Brasil, depositados no mausoléu do Parque da Independência.

Entre a independência e a abdicação no Brasil (7-4-1831), D. Pedro tornou-se despótico e abriu caminho para nossas contradições nas lutas pela liberdade e democracia. Quem sabe o liberalismo exaltado de nossos antepassados valeparaibanos, os das Cortes e os das Minas tivessem, no seu desejo pelo ato glorioso da libertação, atropelado as discrepâncias entre os vícios e as virtudes do jovem titular do Império e marcado nosso destino às margens.

(1) Piquete, na época, era bairro de Lorena.
Dóli de Castro Ferreira

Quadro “Independência ou Morte” - Pedro Américo



“O progresso, o descaso, a insensibilidade, isolados ou interligados, aos poucos corroem o patrimônio e a memória da cidade”.

José Palmyro Masiero



Nascente do rio Benfica - trecho da mata Atlântica

Gigante em Berço Esplêndido

A natureza nunca dorme. As estações do ano nos surpreendem com a delicadeza de suas mudanças, que manifestam um calar ou um gritar de seiva. É o vigor do silêncio que explode em vida.

E os cataclismos? Ilhas emergem, ilhas desaparecem. Vulcões cobrem aldeias com um manto de lavas. Arqueólogos desenterram cidades que as catástrofes esconderam – o trabalho de milênios destruído em segundos.

Pouco mais de oito milhões e meio de quilômetros quadrados de natureza é a parte que a história reservou ao nosso país.

Osório Duque Estrada não disse uma inverdade com o “gigante pela própria natureza”; igualmente acertou quando afirmou estar o Brasil em “berço esplêndido”.

Temos terras agricultáveis, temos minérios, temos florestas, temos importante rede fluvial, temos litoral extenso.

Erram os intérpretes quando retiram dos versos do poeta a figura do “gigante adormecido”.

Se a natureza está sempre acordada, o homem tudo faz para acentuar sua vigília. Constrói aterros no litoral, assoreia rios, corta e incendeia florestas.

A ciência acompanha a volúpia da

deprecação e pede um basta. A natureza manda recados com “El Niño”, menino travesso que se diverte mudando o clima para mostrar ao homem que já é hora de parar para pensar.

Dá para perceber que o gigante não está dormindo e o “berço esplêndido” corre o risco de não chegar às futuras gerações.

Água de beber. O mundo está assustado. Já toma providências. Até pensa em levar “icebergs” a regiões castigadas pela seca.

E nós? Na capital de São Paulo, o Tietê é tudo, menos água doce. Em Minas Gerais, o Jequitinhonha se aniquila. Em Mato Grosso do Sul, o Taquari se enche de ilhas. Na Amazônia, os rios são contaminados pelo mercúrio dos garimpos.

Será que vamos esperar a sede se apresentar para buscarmos providências? No Nordeste, ela chegou há muito tempo. E as providências?

Proteger as nascentes, conservar a mata ciliar, não contaminar a água – é o que os especialistas recomendam.

Vamos começar a cuidar da nossa água. Agora.

Ignorância. Imprudência. Incompetência. A continuar, o “berço esplêndido” nem mesmo vai poder ir por água abaixo.

Abigail Lea da Silva

Formação do rio Piquete: junção dos ribeirões Benfica e Sertão



O Analfabeto Político

O pior analfabeto é o analfabeto político. Ele não ouve, não fala, não participa dos acontecimentos políticos.

Ele não sabe que o custo de vida, o preço do feijão, do peixe, da farinha, do aluguel, do sapato e do remédio dependem das decisões políticas.

O analfabeto político é tão burro que se orgulha e estufa o peito dizendo que odeia política.

Não sabe que da sua ignorância nasce a prostituta, o menor abandonado, o assaltante e o pior de todos os bandidos, que é o político vigarista, pilantra, o corrupto e o explorador das empresas nacionais e multinacionais.

Bertold Brecht, 1898-1956

Formar para que Valores?

A análise da realidade atual pode ocasionar um sistema de desesperança. No entanto, se faz necessário valorizar e aprofundar os sinais de esperança presentes no mundo. Por essa razão somos chamados a “redescobrir” a virtude da esperança e dos valores inerentes ao homem.

Nosso tempo não tem respeito pela pessoa. Estamos, freqüentemente, assistindo a um constante desrespeito pela opinião, direitos e anseios do ser humano. A violência atual está aí para provar tal afirmação. A pessoa humana é um valor que não pode ser deixado de lado; necessita ser escutada, atendida, ajudada, respeitada. Negros e brancos, pobres e ricos, crianças e adultos, crianças ainda não nascidas e velhos quase na hora da morte precisam ser olhados como pessoas e esta é uma convicção a ser transmitida.

Crianças, jovens e adultos precisam aprender a “perder tempo” com as pessoas. O encontro de pessoa com pessoa gera amor.

Vivemos um tempo de interesse. O lucro, o dinheiro, o prazer que outros podem nos dar são alguns pontos essenciais dessa sociedade decadente. A excessiva importância dada ao dinheiro pode fazer com que as crianças cresçam com a idéia de que ele seja um ídolo. Tudo passa a girar em torno do ter mais e ganhar mais, do consumismo. Ora, a **gratuidade** é que é valor. Os filhos precisam aprender a colocar gestos generosos sem imediato interesse. Na medida em que famílias viverem desapego e gratuidade, poderão compreender que o amor sem segundos interesses é que realiza a felicidade. Não se educa sem o valor do dom gratuito. Os dois valores acima mencionados, **respeito pela pessoa** e a **gratuidade**, desembocam na **solidariedade**. Existimos uns para os outros. Somos solidários de uma mesma caminhada.

Ermelinda Gonçalves Uchoas

COLUNA DO CHICO MÁXIMO

A Dama de Branco

Para Adracir Fleming Bittencourt e Maria Helena Bittencourt Neiva

Adentrando-se o cemitério de Piquete, pode-se ver, logo à direita, a quadra mais antiga: túmulos de mármore com anjos e santos, alguns já carcomidos pelo tempo, manchas negras e esverdeadas, lápides trincadas. Lá repousam os antepassados de nossa cidade – políticos, fazendeiros e comerciantes –, orgulhosos que eram das riquezas, dos títulos e das cepas familiares. O mais famoso dos túmulos apresenta a figura de uma mulher descalça, de joelhos, comprido manto branco de ourela rendilhada, a mão esquerda a apoiar a frente e a direita a segurar delicadamente uma coroa de flores. Comovente alegoria da Saudade.

No dia de Finados os visitantes detêm-se diante dele e comentam ser a sepultura de uma mulher que morreu nos Estados Unidos, vítima de fortíssima dor-de-cabeça.

Realmente ela morreu nos Estados Unidos. Chamava-se Odila Bittencourt da Fonseca, piquetense, nascida na Fazenda Estrela do Norte, atual Vila Militar, no dia 11 de março de 1890 e falecida em Washington, a 24 de setembro de 1914. Era filha do Major Carlos Augusto Alvim Taques Bittencourt, primeiro prefeito de Piquete, e de Dona Maria Domiciana Vieira Bittencourt, filha do Comendador Custódio José Vieira da Silva, integrante da 1ª Intendência de Piquete.

As fotografias de Odila revelam uma mulher bonita, morena clara, cabelos longos, rosto simpático. Sua beleza, elegância e educação esmerada comoveram o engenheiro militar Tenente Antônio José da Fonseca, que viera trabalhar na construção da Fábrica de Pólvora Sem Fumaça. E as bodas se realizaram com festas e muitos convidados.

Designado o nosso engenheiro para adido militar junto à Embaixada Brasileira, em Washington, deveria o casal partir, sem delongas. Segundo pessoas ligadas à família do Sr. Custódio Vieira Bittencourt, irmão de Odila, esta, enquanto cuidava dos preparativos para a viagem, assim se expressava: – “Eu vou, mas sei que não volto.” Para não contrariá-la, o esposo estava decidido a não deixar o Brasil, mas ela o convenceu a cumprir sua missão. E lá foram os dois, acompanhados dos filhinhos Carlos

Eugênio, José Eugênio e Maria de Lourdes, para nova aventura de vida.

Comentam que lá na nova terra a nossa piquetense participou de um concurso de beleza, apenas ela casada, obtendo o primeiro lugar, alvo de elogios da imprensa local. Foi-lhe ofertado, dizem, um artístico buquê de flores, que muito a encantou, cujo perfume inebriante, várias vezes aspirado, provocou-lhe forte dor-de-cabeça, que foi se intensificando até levá-la à morte. Voz popular que talvez as flores estivessem impregnadas de poderes mágicos maléficos, frutos da inveja e do despeito.

Seu corpo, embalsamado, foi trazido para o Brasil num navio de guerra, e chegou à nossa cidade no “tremzinho dos operários”, acordes de marchas fúnebres, a noite iluminada de tochas, pois aqui ainda não havia luz elétrica. O cortejo luminoso dirigiu-se para a matriz de São Miguel, onde aconteceu o velório, com a presença do povo, de autoridades, militares, fazendeiros e comerciantes. Soube que foi tudo muito solene: as mulheres, de vestidos longos, cores discretas e mantilhas nas cabeças; os homens, de preto, ternos de casemira inglesa, as botinas reluzentes, acompanhados de negros e mulatos remanescentes da senzalas das fazendas-de-café.

A partir de então, pessoas que sofriam de contumazes dores-de-cabeça começaram a pedir a intercessão de Odila, acendendo velas ou colocando bilhetes sobre sua sepultura. Vinha gente até das cidades vizinhas, flores nas mãos e promessas guardadas nos corações. Era preciso tocar a lápide e passar carinhosamente os dedos no nome gravado na brancura do mármore.

Na realidade, Odila Bittencourt não morreu de dor-de-cabeça, mas de peritonite, conforme sua filha Maria de Lourdes Bittencourt da Fonseca, quase nonagenária, residente na cidade de São Paulo. Talvez o imaginário popular tenha associado a figura da mulher de branco, com a mão esquerda a apoiar a frente, a uma pessoa acometida de violenta dor-de-cabeça.

Quando criança, eu via, no Finados, o túmulo recamado de flores – flores belas e sofisticadas, vindas de São Paulo, tão diferentes das cultivadas nos nossos quintais e pobres jardinzinhos piquetenses. Era uma orgia de cores e perfumes a derramar-se dos vasos levemente azulados.

Com o passar do tempo, muitos familiares de Odila morreram, outros se dispersaram e não mais voltaram. Hoje, no dia dos mortos, apenas uma mulher tinge o túmulo de flores – Dona Maria Geralda Cláudio, que morou muitos anos com Dona Elisa Ribeiro da Silva, tia da nossa heroína. Seus gestos são manifestações de carinho por uma família que sempre lhe deu acolhida e amor.

Nas noites de luar, o túmulo alveja no silêncio, ao lado de uma palmeira solitária, e nos remete a um momento da história de Piquete, em que a jovem Odila, com sua beleza e faceirice, suas jóias e vestidos longos e drapeados dava um toque de elegância às festas da antiga Fazenda Estrela do Norte.

Crônicas Pitorescas

Caçadores

Palmyro Masiero

Sabem quem era chegado numa caçada de capivaras, catetos, pacas e outros bichos? O Gen. Canrobert Pereira da Costa, Ministro da Guerra na gestão do Presidente Dutra. E daí, o que é que temos com isso? Assim, assim, diretamente, nada, mas o Antônio Leal tinha.

Vou contar. Na década de 20, o general (que devia ser tenente) andou caçando nas matas da Fábrica, acompanhado do José Alves, especialista no assunto, saindo dela satisfeito com os resultados.

Como diz a propaganda, “enquanto o mundo gira, aquele caminhão roda”, a vida foi seguindo e o militar continuou sua carreira (e caçadas), até atingir o generalato e tornar-se Ministro da Guerra.

Nesta função, acompanhou o Presidente Dutra na visita que fez a Piquete para a inauguração do Hospital da Fábrica Presidente Vargas. Após essa cerimônia, todos rumaram para o interior da Fábrica. Lá, em frente à Secretaria, enquanto todos se deslumbravam com as instalações do Hospital, o Gen. Canrobert, olhando para a serra, extasiava-se com a mataria compacta ao fundo.

Para o Gen. Aquino, diretor da instituição, a situação estava encrencada. De um lado, o Presidente, a quem tinha de dar atenção, e do outro, o Ministro da Guerra a perguntar-lhe se era época de procriação de queixadas, se as pacas estavam saindo para o ribeirão. O Gen. Aquino deve ter respondido sobre nitro para o Ministro e sobre paca para o Presidente. Nervoso, o Diretor da F.P.V. chamou o Major Monte e incumbiu-o de encontrar rapidamente um caçador para atender à curiosidade do Ministro.

Homem lesto, o Monte avistou uma rodinha de funcionários, entre eles o João Monte Claro, o Francisco Ortiz, o Norival Crispim de Castro, o José Teotônio de Castro, e perguntou onde encontrar urgentemente um caçador. Citaram vários, mas o mais à mão era Antônio Leal. Incontinenti, o major deu ordens ao Bororó para pegar a caminhoneta guarda-louça e se mandar atrás do homem.

Uns dez minutos depois chegava o Bororó com o Antônio Leal, lívido, sem saber o que estava acontecendo. Resumo do pagode: apresentaram o Ministro ao Leal. Assunto entre ambos? Capivaras, queixadas, pacas...

Todos que passavam morriam de curiosidade ao ver o Antônio Leal com sua careca luzidia, chapéu na mão, no maior bate-papo com o Ministro, que somente ouvia, interessadíssimo.

Após o fato, o Antônio Leal sempre brincava com a turma utilizando o velho brocado: “Um dia é da caça e o outro do caçador”. No que não concordo. Afinal, função de Ministro não é caçar funcionário e muito menos o vice-versa. Na realidade, o dia foi mesmo dos bichos alvos, abatidos só com blá, blá, blá...

Alegoria da Saudade - Cemitério de Piquete



Foto arquivo Pro-Memória



O Prof. Laércio José de Azevedo, regente do Orfeão do Departamento de Assistência Educacional e alunos, em uma apresentação no Cine Estrela.

Foto arquivo Pro-Memória

O Vento

Éramos alunos da Escola Normal e cantávamos no Orfeão, hoje diríamos Coral. O mestre, professor Laércio de Azevedo, bom músico, de ouvidos apurados, especial embasamento das teorias e leituras musicais, exigente. Afinados, triunfávamos nas festas, solenidades cívicas e culturais. Cantávamos, empolgados pelas salvas de palmas e pelo olhar rútilo dos familiares e amigos, que nos tinham como aplicados. Comparavam-nos aos outros conjuntos escolares, convencidos de nossa excelência.

A Escola Normal modelar era um reduto de alunos considerados brilhantes, esmerados nos saberes e cumpridores de suas obrigações. Uniformes impecáveis e de bom estilo, passados e repassados a ferro, faziam de algumas beldades candidatas a bons casamentos, paradigmas do orgulho local. Requisitadas para os bailes e reuniões, encantavam pela apresentação e boas maneiras.

Cumpriam-se, à risca, os fados.

Foi aí que, julgando-nos já auto-suficientes, propusemo-nos a cantar mesmo sem o maestro presente, articulando-nos nas vozes, em harmonia suprema. Vaidosos, bajulávamo-nos, em harmonia suprema. Julgamo-nos perfeitos em uma apresentação inicial, tomada de posição rápida e determinante. Os mais temerosos foram estimulados. Os deuses ajudaram. Saiu a contento. Estávamos, enfim, seguros. Capazes e resolutos. Imbatíveis. Havia uns

articuladores convincentes.

Até que, a uma noite de festa no Cine Estrela comparecemos de uniforme e vontade firme de brilhar. Sem o maestro.

Mas, oh, glória infame. Alguém desandou, e uma das vozes, não me lembro se a primeira ou a segunda, falhou. Desarticuladas as entradas, avermelhávarmos e já nervosos, não conseguíamos segurar o riso. Completamente destrilhados chegamos ao fim, apressados, do sopro do vento que, mais que todas nossas peças musicais, requeria tranquilidade, harmonia e sussurros entremeados por vibrações mais fortalecidas. Vento modulado.

Afundamo-nos no fracasso e concluímos que realmente sem liderança não era possível. Abaixamos as cristas e aprendemos uma profunda lição.

Valeu-me para a vida toda.

Fica aqui uma reflexão: qualquer comunidade deve se articular, reconhecer liderança, compor unidade harmônica e ter coragem de participar.

Talvez esteja nos faltando em Piquete um mãos à obra bem sintonizado, conjunto, em que uma vontade de agir possa ser canalizada, independente das ideologias políticas, das preferências de qualquer ordem, dos dogmas, ou das expressões alienantes dos programas da TV, ótimo veículo de comunicação, mas inadequadamente empregado, que faz da maioria meros receptores.

Dóli de Castro Ferreira

Caminho com Volta...

“- E aí, mano, beleza?”

- Beleza, meu. E aí? Curtiu a festa ontem?

- Meu, não lembro de nada... Tava doidão!

- Que mau heim..?! E aquela mina, a Pat?

Ficou com ela? Ela tava doida pra ficar contigo....

- Num deu.... Quando ia falá cum ela, a galera me chamô pra dá um tapa....”

É, meus amigos... Essa é uma conversa entre dois amigos que foram juntos a uma festa. Um deles se drogou a noite inteira. Pelo que vocês puderam notar, ele não aproveitou muito, não foi? Esteve o tempo todo “doidão”, deixou de lado até uma garota; preferiu “dar um tapa”.

Vamos nos conscientizar de que **drogas** é algo nocivo à saúde. Seus efeitos são ilusórios. Não nos deixemos levar pela idéia de que as drogas nos trazem momentos de alegria, de descontração. Pelo que podemos notar no diálogo acima, isso não é verdade. O que realmente acontece é que perdemos tudo de bom que realmente está acontecendo. Trocamos uma diversão sadia por uma “viagem” inútil, com um péssimo roteiro e sem retorno.

O número de jovens que faz uso de drogas aumenta a cada dia, apesar de todas as campanhas feitas em sentido contrário. Será que esses jovens imaginam estar certos, enquanto o resto do mundo diz o contrário? Será que pensam que podem controlar esse vício? Que não são dependentes? Isso não é verdade. Os exemplos estão aí. A mídia nos mostra, diariamente, o resultado do uso de drogas. O vício leva as pessoas a cometerem loucuras. Pessoas famosas estragam suas vidas e carreiras por causa de drogas. E isso não acontece apenas com famosos; acontece também com pessoas anônimas. Não dá para nos escondermos dessa realidade. Temos que encará-la de frente. O drogado é um doente que precisa de tratamento, e alguns dos itens mais importantes desse tratamento são a compreensão e o apoio de parentes e amigos.

Tenho reparado que nossa cidade está repleta de jovens se drogando todos os dias; eles precisam de apoio, de ajuda. Se você, leitor, é pai de um adolescente e desconfia de que ele esteja se drogando, converse com ele, mostre-lhe este artigo. Talvez o que esteja faltando seja apenas o diálogo, tão difícil com adolescentes, mas que uma vez iniciado pode dar bons resultados. Pode, sim, haver um caminho de volta, desde que a pessoa que está se drogando tenha abertura suficiente por parte de amigos e parentes, para conversar e mostrar seus problemas e ansiedades. Ela tem que saber que poderá contar com as pessoas que a cercam, para se “limpar”.

Conheço muito bem o mundo fantasioso e encantador das drogas. Muitos conhecidos meus se drogam e estou realmente preocupado com eles e com os adolescentes de Piquete. Existem muitas maneiras de se divertir sem o uso de drogas, meus amigos. Podem estar certos de que não sou careta; curto a vida, e muito. E vocês, meus irmãos de Piquete, com uma cidade tão bela como a nossa, não podem desperdiçar essa natureza tão rica, com cachoeiras e lugares maravilhosos. Eu lhes proponho um desafio: se vocês não se consideram dependentes, tentem passar duas semanas “limpos”. Se conseguirem, entrem em contato com a redação deste jornal. Aproveitem tudo de bom que a natureza lhes oferece em Piquete. Essa é a melhor maneira de se “viajar”. Podem acreditar.

LGDJ

AGENDA/99

Já está à venda, com textos e fotos sobre Piquete.

Elaborada pela Fundação Christiano Rosa.

Preço R\$ 10,00

Notas da Cidade

□ Tatiana Maduro Narciso e Cárita Aparecida Machado, alunas da 8ª série da E.E. “Prof. Darwin Félix”, participaram da I Olimpíada de Matemática da Delegacia de Ensino de Lorena (I OMDEL).

Foram classificadas em 1º lugar.

Participaram também, como dupla reserva, Ana Carolina Madura da Silva e Carlos Roberto Machado Júnior.

Parabéns aos alunos e à escola!

□ Realizou-se, no dia 22-11-98, no Elefante Branco, mais um torneio de Judô. Participaram várias cidades do Vale do Paraíba.

□ A E.P.G. “Prof. Leopoldo Marcondes de Moura Neto” promoveu, nos dias 22 e 23 de novembro, sua tradicional Feira de Ciências. O tema, mais do que atual, “A Terra pede água”, foi desenvolvido pelos alunos, de forma brilhante.

□ No dia 07-11-98, Piquete sediou mais uma Caravana Petrobrás da Cultura. O evento animou, durante dez horas, o povo piquetense, com a apresentação de bandas, palhaços, equilibristas, mágicos, teatro e outras curiosidades. A participação, principalmente das crianças, foi muito ativa. A Caravana, com coordenação geral de Carlos Heluy, é composta por mais de trinta artistas que já percorreram onze estados, ultrapassando o número de trezentas apresentações.

Nossa comunidade carece de eventos desse tipo que colaboram para a disseminação da cultura. Torçamos para que outros ocorram novamente.

□ A Fundação Christiano Rosa recebeu, dia 13-11, a agradável visita da economista Dra. Maria Helena Bittencourt Neiva, neta do Major Carlos Augusto Alvim Taques Bittencourt, primeiro prefeito de Piquete.

O Idoso

Idoso é toda pessoa que carrega o chamado peso dado pelos anos de vida. Tal peso está diretamente ligado às condições psicobiológicas, segundo a natureza de cada um.

Por essa razão, o idoso parte para a fase da “velhice” obedecendo ao ciclo de vida a que está sujeito, seguindo, assim, as condições que lhe são impostas de maneira escalonada.

Passando pela infância, juventude e maturidade, advém a senilidade, período mais difícil para muitos que atingem o prêmio da longevidade.

Lembrando Matusalém, o homem procura sempre que possível conhecer os princípios básicos capazes de lhe proporcionar “vida longa”. Porém esquece que para tê-la precisará, certamente, de requisitos especiais, extraordinários, abençoados por Deus, o “Autor da Vida”.

Depois, um equilíbrio emocional capaz de lhe garantir vitalidade baseada na saúde

física e mental (Mens sana in corpore sano). Havendo isto, a existência se fixará em alicerce firme, cujo edifício humano será sustentado por muitos anos.

Contudo, se tal edifício organicamente constituído for vítima de alguma perturbação e a mesma não for controlada pelas orientações científicas, poderá ruir.

Graças às técnicas da medicina moderna há meios para se estabelecer princípios preventivos em favor da manutenção saudável, pendente de recursos especiais. Então, o “idoso”, procurando trilhar no caminho certo de orientações objetivas, vencerá na luta pela vida.

Vivendo em paz, harmoniosamente, a velhice, além de prêmio aliado à saúde, representará dádiva consciente permitida por Forças Divinas. Razão por que os idosos merecem, além da nossa admiração, respeito e exemplos de conquistas.

Parabéns aos contemplados.

Profº José de Souza Leite



“Preservar é garantir a integridade e a perenidade de algo - nosso patrimônio particular, lembranças de nossos antepassados ou seus bens públicos ou privados que fazem parte da memória da comunidade. Importante preservar

mobiliário, fotografias, indumentárias, livros, máquinas, veículos, construções, obras de arte, estradas, bairros, cidades, a paisagem etc, que tenham tido significado histórico ou ambiental”.

Célia Ap. Rosa

Educação

As grandes transformações que estão ocorrendo no mundo, nas áreas de informática, comércio, agricultura e prestação de serviços, estão a exigir escolaridade e preparo cada vez maior dos trabalhadores. Isso como consequência do ritmo alucinante ditado pelas novas tecnologias. E o caminho a ser trilhado para acompanhar esse ritmo é o da Educação. Por isso, os governantes dos países ricos e das nações menos favorecidas estão se empenhando no sentido de disponibilizar maiores recursos à Educação. Fica claro, entretanto, que nesse cenário os países ricos serão os grandes vencedores e, dessa forma, continuarão a irradiar hegemonia sobre parcela considerável dos povos, nos próximos anos.

Inserido nesse contexto está nosso país, que somente a partir de 1946 – portanto há pouco mais de 50 anos – deu início ao seu processo de democratização da educação, e o ensino básico tornou-se obrigatório. Até então a educação e o ensino constituíam-se um privilégio das classes mais abastadas. Ao lado disso, um fato curioso: no processo educacional do nosso país conhecemos primeiro o ensino superior, importado da Europa por D. João VI, face à invasão de Portugal pelas forças de Napoleão Bonaparte. Anos mais tarde, o imperador D. Pedro II reforçava esse quadro inaugurando no Brasil escolas de Engenharia, de Medicina e Belas Artes. Assim, como nosso país não conquistou passo a passo os degraus da pirâmide educacional, fica fácil entender os graves problemas da Educação que há um bom tempo não mostra qualidade, opera com currículos pouco dinâmicos e, acima de tudo, não vem dando tratamento adequado e digno aos educadores e professores.

Atento a todas essas deformações e sentindo a necessidade de se provocar uma revolução no sistema educacional, o Ministro da Educação, Sr. Paulo Renato de Souza, está dando forte impulso ao ensino fundamental (1ª à 8ª série).

Agora está voltando suas baterias para a melhoria do ensino de segundo grau, sem esquecer que é preciso mexer muito com a qualidade de ensino nas faculdades e universidades.

A luta não será fácil, em função do aumento dos problemas e da desejada alta velocidade que precisa ser imprimida no sistema educacional do país. Somente dessa forma é que o Brasil se colocará em condições de igualdade frente às nações mais desenvolvidas do planeta.

Procurando colaborar nesse processo de mudanças, passei às mãos do Ministro Paulo Renato, após importante evento na Universidade Mackenzie, trabalho coordenado por mim e referente ao ensino de terceiro grau.

Assim, o processo de mudanças no sistema educacional se faz extremamente necessário. Isso porque no início de um novo milênio, as nações poderosas serão identificadas pelo seu potencial de educação, que resulta na conquista de novas tecnologias, valorização do trabalho e dos trabalhadores.

Celso Colombo